

Lendas e Histórias da Nossa Terra



Nesta edição

2 — Editorial

3 e 4 — Lima Barreto
Jason Tércio

5 e 6 — Sexualidade e a Moda Portuguesa
Paulo Bertran

7 e 8 — Mito Indígena
Manoel Rodrigues

9, 10 e 11 — Formoso de Minas
Xico Mendes

12 — Música Popular
Renato Vivacqua

13 e 14 — A Elite Dirigente
Corsino Medeiros

15 e 16 — Canudos
Cyl Gallindo

17 — Poesias

18 — Literatura
Orlando Tejo

19 — Cartas

20 — Contracapa

EROS E NARCISO (I)

Sexualidade e Moda no Império Português

Em fins do Século XVIII

□ Paulo Bertran

“Mal por mal, melhor Pombal”, rimava pela nova Lisboa, reerguida do terremoto às custas do ouro brasileiro, a população cética do tempo da Viradeira do reino de D. Maria I, ali pelo ano de 1777.

Oliveira Martins, no geral, e Júlio Dantas, com especialidade, fornecem-nos fontes impagáveis daquilo que foi em Portugal a volta do Ancien Régime após a reviravolta do nacional — estatismo de Sebastião José, o burguês tornado Conde Oeiras e Marquês de Pombal.

Um trejeito bisonho e muito mais arcaico do que a volta dos Bourbons à França depois do vendaval da Revolução de 1789 e depois da loucura imperial napoleônica.

Em Portugal, em fins dos 1700, o beatismo hipócrita voltava ao poder com a rainha D. Maria, histérica, cuja loucura chegava ao termo na medida em que chegavam a Lisboa as listas de cabeças roladas nas guilhotinas da França.

Por sob o governo da rainha louca, se era respeitada na fachada a moda real, no dia-a-dia praticava-se o francesismo mais cerebrado e antigo, o de Luiz XV, isso quando já vigia, na França, o estilo mais morigerado de Maria Antonieta e das marquesas da Revolução.

Nos saraus de Lisboa, para senhoras, pontificava o sr. Bispo dos Algarves, com seus óculos de lentes verdes — os óculos escuros que se vulgarizaram quando os veteranos da derrota de Napoleão na Rússia, em 1812, passavam depois por Paris portando aos olhos os vidros coloridos que lhes foram tão úteis no poupar as retinas contra a reverberação da neve

das estepes russas. A vulgarização dos óculos escuros.

Era preciso, era precioso para a tessitura das relações sociais — ainda o é — seguir modas. E a moda, com seu temível e fugaz poder de corrosão de estruturas não que chegasse mais tarde a Lisboa ou Ouro Preto e Vila Boa, chegava sim logo, *peut-être un peuajourné*, mas adaptando-se às idiosincrasias imemoráveis da cultura possível a Portugal e às colônias no apagarem-se as luzes ao século das iluminações.

Senão na Universidade de Coimbra, quicá no Colégio dos Nobres, aprendia-se toda a bobagem e toda a verossimilhança do século XVIII, como sempre, até hoje, em todas as universidades latinas que conheci — sob a forma pastiche das citações sem contexto ou a mera repetição de chavões literários.



Retrato de Senhora, Biard



A noviça recatada

Nessa época que tratamos, anterior em 200 anos aos nossos dias, o choque de comportamentos e de mentalidades modísticas sofria (ainda hoje sofre) um processo de aculturação necessária e falsificadora. Copiava-se (copia-se) o que é necessário para a identificação planetária, rejeita-se o que não convém à desestruturação da família, família à portuguesa, preferencialmente endocástica, sutilmente endogâmica — enfim, um povo anárquico e conservador que chegava ao fim do século XVIII metendo as moças atrás das grades dos conventos e forçando os moços e emigrarem para as colônias em busca de novas parceiras crioulas e territórios a apossar, e, às vezes, colonizar. Vide Angola e Moçambique.

Confesso, não consegui descobrir a origem dessa política demográfica extravagante, mas que deve ter dado certo, constando os tantos milhões de gentes coloridas falando em português no Brasil, na África, em encastes da Índia e da China.

Quanto mais moças portuguesas estavam presas nos mosteiros gradeados, mais seus primos, parentes e frades libidinosos vinham

visitá-las. Acabou resultando, no reinado de João V, e depois, em môtéis-conventos de curtíssima duração de encontros. O lisboeta Freirático do século XVIII devia fornecer em pé, contando os minutos em que a abadessa não aparecesse.

Havia uma instituição, a Roda dos Enjeitados, onde se depositavam as crianças, digamos assim modernamente, de maternidade recusada pelas inumeráveis primas e freiras engravidadas, de cuja administração certo Pina Manique, de início chefe da polícia de Lisboa, auferiu tantos poderes de coerção, diretos e indiretos, sobre inditosos pais e mães da Lisboa subterrânea, ou melhor dito, subconventual — que tornou-se esse Pina Manique o paradigma do bom administrador português no reinado da rainha louca.

Os Modismos Inelutáveis

Todas essas coisas eram informadas ao Brasil, poucos dias depois do acontecido em Portugal. Com a mesma rapidez vinha o desejo da moda — (o que não implica em sua disseminação, mas na sua necessária

consciência) — através de estímulos culturalmente aceitos, negados ou permeados, à feição de um moderno vírus de computador.

Na verdade, coube mais ao Novo Mundo a transmissão de modas corrosivas à velha Europa do que o inverso.

De chofre, os americanos nocautearam os europeus com vícios de difícil reconversão metabólica: o tabaco aliterador das endorfinas, as pimentas viciantes. E, sobretudo, o açúcar, terribilíssimo, ainda hoje não inteiramente assimilados pelas espirais de DNA. Da mesma forma que o sal, com que os césaes envenenaram suas legiões salarizadas. Na base do Velho e do Novo Mundo, a corrosão metabólica, quicá cerebral, pelo emprego abusivo do sal e do açúcar.

Com exceção das províncias norte-americanas, religiosamente soldadas nas heresias luteranas, o resto das Américas aplastou-se, por gula de territórios, na transigência e miscigenação infundáveis.

Sob a forma dos “Repartimentos” indígenas e pela escravização do africano, as Américas em geral tornaram-se inesgotáveis fontes de luxúria, com repetecos na Europa.

Registra-se na Lisboa do século XVI, do excesso de africanas escravas a constituir a escravaria, o serralho dos burgueses, dos fidalgos e até mesmo da plebe portuguesa. Lisboa, em certo período, era uma cidade mestiça.

Seria porém no século XVIII que a corrupção de costumes, provinda da América e até certo ponto da África, perfura o himem da Europa. No plano ideológico, Rousseau, a alma desse século, o mais completo exemplar do seu antagonismo naturalista, cria no Bom Selvagem a visão paradisiaca do conservadorismo e da vertente romântica do revolucionarismo. Rousseau é e continuará a ser a concepção européia das Américas, isto é, o exótico natural, a sexualidade direta, a índia nua, a polinésia melosa, o calor, o verde, as delícias de Paul Gauguin, o anticapitalismo.

Um santuário ecológico onde, imagina o europeu, a maldade do ocidental plantou a miséria nativa. Não sem antes frutificar o ventre autóctone.

O namoro português

A cultura portuguesa e a brasileira tiveram muito, no passado, de um certo toque lúbrico, de um erotismo estranho. Na idade média, me-

tidos entre mouros, espanhóis e cruzados de toda Europa, "filavam-se" os portugueses as mulheres uns dos outros conforme a sorte das batalhas e escaramuças. Para depois "roussar-lhas", tudo isso conforme vetustas genealogias medievais.

Ao Rei Sancho II, um súdito roubou-lhe a rainha D. Mécia no próprio quarto real e não devolveu. Pedro, o Cruel, amadíssimo do povo português, e seu filho Fernando, envolveram-se com as beldades de Inês de Castro e Leonor Telles, com escândalos que ecoaram por séculos.

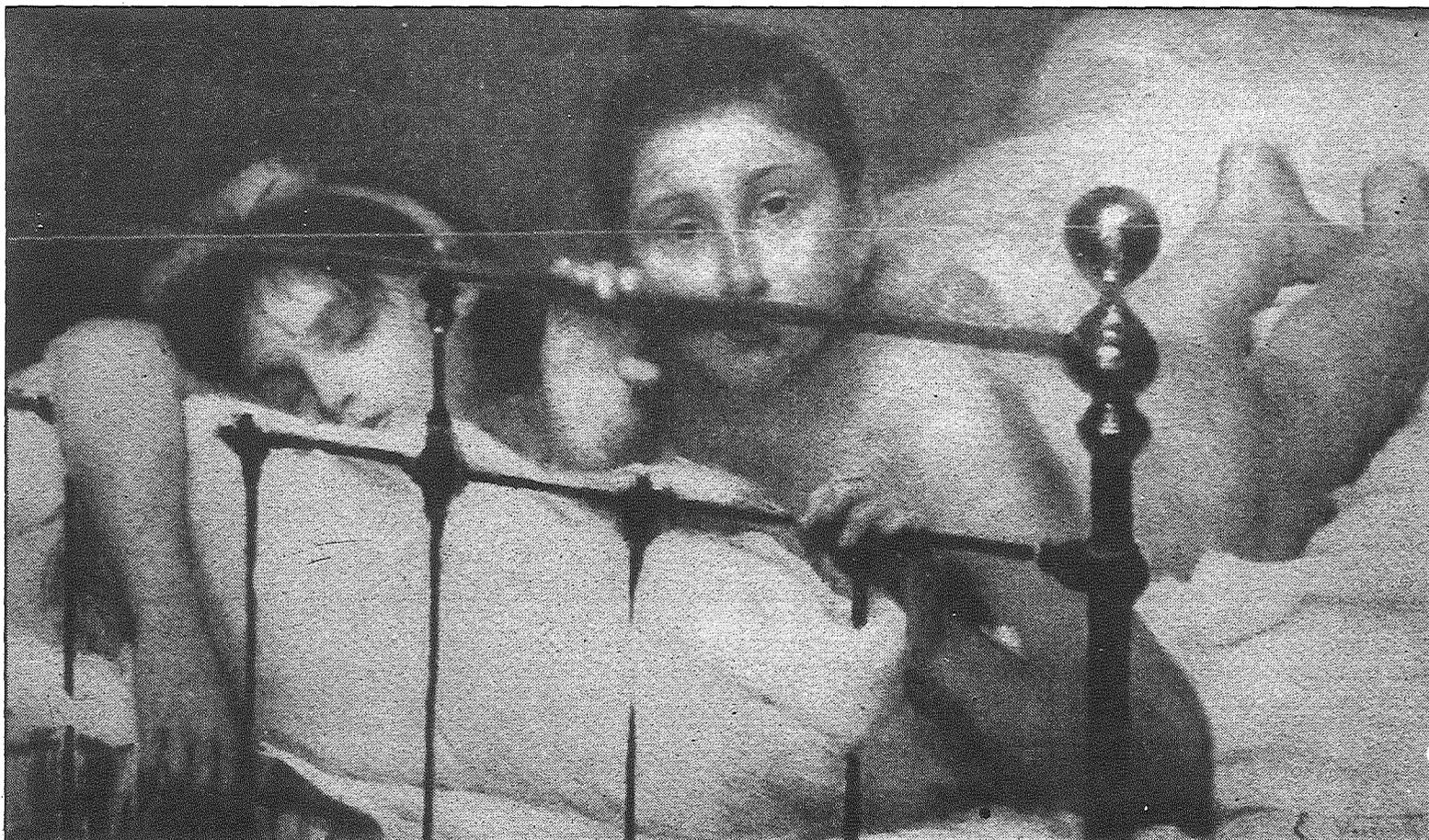
Metendo-se os lusíadas nas conquistas simultâneas do Brasil, das duas costas da África e da Índia, grande orgasmo mortal das caravelas vomitadoras de pólvora e chumbo, o português colonial tornou-se um habituado da femealidade exótica.

Seu império, quixotesco sob o ponto de vista de recursos humanos e materiais, manteve-se por inverossímeis anos nas quatro partes insustentáveis do mundo a que chegaram, graças a uma incriteriosa política sexual, extra-étnica e ultra-étnica, critério nenhum, a diferença dos espanhóis que foram desposar as nobrezas indígenas nas terras em que aportaram.

Coisa de marinheiro, de ralé do porto, o português ao tempo em que foi espanhol (1580-1640), celebrou-se em toda Europa pelos enormes bigodes, pela guitarra à mão e ainda pela desusada, anacrônica e inverossímil espada medieval que arrastava atrás de si, às vezes maior do que o dono, enquanto outros europeus, que pouco sabiam das cruas dos novos mundos, portavam leves espadas e decorativos espadins.

No século XVII tornou-se famoso nas cortes europeias o Beliscão Português. Dava-se da seguinte forma, o beliscão:

Chegava, suponhamos, um fidalgo português a qualquer uma das 200 misas que se rezavam diaria-



No Verão, Eliseu Visconti

mente em Madri ou Lisboa. No borburiño do átrio da Igreja aspergiam as mulheres à pia benta, vestidas com aquelas saias armadas de balão, sustentadas por algumas dezenas de metros de fios de aramê e outros tantos de entretelas, sem falar nos travamentos de caniços.

Ouvia-se, então, o grito lancinante — Ai, Jesus! E a balbúrdia formada no átrio. Dali escapava sorrateiramente o artista português, minucioso engenheiro náutico que por entre o complexo aranzel das saias de madame, conseguiria pespegar-lhe nas nádegas ou na coxa o roxo hematoma do amor à portuguesa. O Beliscão Português. Se atingia a anca da senhora, chamava-se "Beliscão do Sétimo Céu".

Depois, no século XVIII, (queixa-se Júlio Dantas), com a corte de D. João V, o "beliscão" foi aposentado e o "francesismo" instalou-se

nos costumes amorosos do reino. O português elegante do século XVIII chamou-se primeiro "o faceira", depois "o bandalho", depois "o peralta", por fim "o casquilho" e genericamente, "o França".

Empoava-se todo com o mesmo pô-de-arroz que ainda hoje vende-se. O cabelo longo prendia-se do lado das têmporas com um ou dois chinós — a mesma chuca-chuca que ainda se usa fazer em crianças pequenas, só que esta no topo da cabeça.

Vestia botas altas com saltos que ainda se fazem em raros sapateiros e usam-se nos rodeios de Goiânia. E ia para as ruas namorar.

O namoro preferido (mas não a única forma de namorar), era pelas igrejas e conventos. Se nos conventos, visando a "prima" monja e nesse caso o namorado era um "freirático", categoria que, a crer-se em Júlio Dantas, empregava meio Portugal ao culto único no mundo

das Vênus enclausuradas.

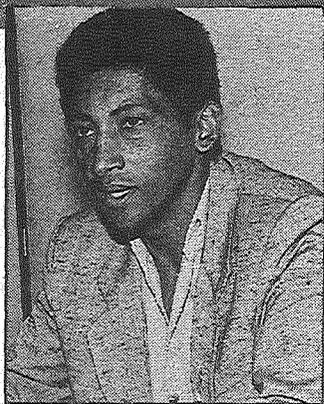
Um imperceptível código Morse percorria as nave das igrejas. As mulheres falando aos homens com trejeitos de leque que fariam inveja aos sinaleiros de um porto congestionado. Os homens repicando com modas "de lencinhos", que conforme as dobras, as cores e os gestos de quem manejava, desenhavam um vasto discurso amoroso. As Cartas Chilenas criticavam acrememente as modas de lencinhos que Luiz da Cunha exercitava em Vila Rica, o que por si revela resistência a esse maneirismo. Em Portugal também reagia-se ao francesismo, tanto que os nomes de bandalho, casquilho e outros têm inegável sabor de deboche contra o cortesão exótico.

O namoro nas vias públicas, por exemplo, dava-se em duas modalidades principais. Namoro "de estaca" e namoro "de estafermo". Na "estaca" o namorado

postava-se, firmado num pé, contra o muro fronteiro à janela da amada, e aí por meio dos lenços conversava com o vulto atrás das cortinas e reposteiros. Já no "estafermo", plantava-se o galante no meio da rua como um poste colorido e empoado, e dali conversava com a namorada — sempre os lencinhos — dando cabo de uma tarde inteira ao culto dos amores vãos. O estafermo passou, é claro, a sinônimo de palerma.

Já para fins do século das luzes, Oliveira Martins vê em Portugal um cenário que combina Fez do Marrocos com Paris da França. O francesismo português usava um teatro muçulmano, onde os pesados panos, charões, mantilhas e véus nunca cederam vez, na estética lusitana, aos etéreos cenários de Gainsborough.

E enquanto no andar superior da Lusitânia a rainha louca, D. Maria, rezava e gritava, outro Portugal fornicava.



Eurípedes Camargo (PT)

Crítica e Descaso com Promoções Culturais nas Satélites

"As cidades-satélites, notadamente Ceilândia, Samambaia e outras mais distantes do centro de Brasília, sofrem a falta crônica de opções na área cultural em razão do total descaso do Governo do Distrito Federal para com essas comunidades". A opinião é do deputado Eurípedes Camargo (PT), residente em Ceilândia e

que há anos vive de perto essa deficiência. Ele lembra, por exemplo, que Ceilândia e Samambaia não contam com um único teatro ou cinema, o que obriga as pessoas que gostam dessas duas formas de arte a se deslocarem até o Plano Piloto, onde há inúmeras opções. Na avaliação do parlamentar, os setores responsáveis pela área

cultural de nossa cidade deveriam estar mais atentos ao fato de que satélites como Ceilândia e Taguatinga estão a caminho da total independência em relação ao centro do poder e merecem, portanto, ter seus próprios espaços culturais. Eurípedes Camargo reconhece que a crise que se abateu sobre a área cultural ainda está longe de ser superada, mas acredita que,

no caso do Distrito Federal, falta também um pouco de vontade política, já que aqui existem dezenas de grupos de teatro, dança, música e outras manifestações culturais dispostos a procurarem soluções conjuntas. "O problema não é apenas a falta de recursos mas, principalmente, o não reconhecimento da importância de se valorizar a cultura", assinala.